

# O Mosteiro de Paderne, em 1770

José MARQUES \*

## 1. Introdução

As nossas primeiras palavras, além da saudação devida à Presidência e outros Membros da Mesa, são para agradecer à Comissão Organizadora deste II Congresso Internacional do Barroco, mais do que o convite a insistência para nele participarmos, insistência que situamos no “registro” da amizade.

É certo que no I Congresso participámos com uma pequena comunicação sobre algumas imagens do traje dos monges crúzios, que subordinámos ao título *Figurino crúzio visto da segunda metade do século XVIII*<sup>1</sup>, que, além das *Actas*, acabaram por saltar para o *Dizionario de la perfezione cristiana*, em publicação em Roma, a pedido do seu principal responsável. Desta vez, porém, um pouco como os trabalhadores da última hora, aqui estamos para traçar um esboço do que poderia ser uma visita pelo interior de um dos mosteiros crúzios extintos por Sebastião José de Carvalho e Melo, vulgarmente, mais conhecido como Marquês do Pombal, em 1770.

Refirimo-nos ao Mosteiro de S. Salvador de Paderne, no actual concelho de Melgaço, que, juntamente com os de Refojos de Lima, Landim, S. Simão da Junqueira, Caramos, Moreira da Maia, Serra do Pilar, Grijó e outros<sup>2</sup>, desapareceu ingloriamente, arrastado na estratégia pombalina de, além da expulsão dos Jesuítas, controlar a Igreja, em Portugal, e, em particular, as Ordens Monásticas – Agostinhos Crúzios e aos Cistercienses – tendo a morte de D. José I e a imediata queda política do Marquês do Pombal impedido a sua aplicação aos Beneditinos.

Valerá, por isso, a pena insistir em que a acção de Pombal contra a Igreja e as Ordens Religiosas, após a expulsão dos Jesuítas, em 1759, tomou outras cambiantes Com efeito, na década seguinte, alterou profundamente a estratégia a seguir na concretização do projecto atrás anunciado, refinando-a na pers-

\* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>1</sup> *Figurino crúzio visto da segunda metade do século XVIII*, in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, vol. I, Porto, 1991, pp. 531-548.

<sup>2</sup> Arquivo Distrital de Viana do Castelo (A. D. V. C.), *Arquivo de Família Velho de Moscoso*, Nº. 1 (Títulos relativos ao Mosteiro de Paderne), 5. 8. 1. cx. 6-1., pp. 5-8.

pectiva “iluminista”, deixando de lado o recurso à violência e optando pela simulada reforma e “promoção” cultural dos religiosos e do clero secular. Nesse sentido, passaram a ser exigidas autorizações para a recepção de ordens sacras aos que se orientavam para o clero secular e para aceder à profissão religiosa (masculina e feminina)<sup>3</sup>; entretanto, a pretexto da reforma dos Crúzios, foi solicitada autorização pontifícia para transferir para Mafra e aí concentrar os religiosos dos mosteiros extintos, bem como os respectivos patrimónios, que, afinal, acabaram por ser vendidos, procedendo, finalmente, à extinção parcial dos cistercienses, em 1775<sup>4</sup>;

Foi no âmbito da estratégia seguida em relação aos Cónegos Regulares de Santo Agostinho que o Mosteiro de Paderne foi extinto, em 27 de Setembro de 1770.

A execução do breve de Clemente XIV autorizando a incorporação deste Mosteiro no de Mafra teve lugar, no dia 27 de Setembro de 1770, em Paderne, onde se deslocou o Doutor Feliciano Ramos Nobre Mourão, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, do Desembargo de Sua Magestade, etc., munido da respectiva ordem do Cardeal D. João da Cunha, do Conselho de Estado de El Rei, Inquisidor Geral, em Portugal e seus domínios, Presidente do Conselho Geral do Santo Ofício, Regedor das Justiças da Casa da Suplicação e Comissário delegado para a execução do referido breve pontifício<sup>5</sup>, que a intimou aos onze religiosos aí presentes, estando, apenas, ausente D. Salvador da Encarnação, que se encontrava, devidamente autorizado, no Mosteiro da Serra do Pilar. A título de singela homenagem aos últimos monges de Paderne, registamos aqui, no corpo do texto, os seus nomes, que poderão constituir pontos de partida para o estudo das respectivas biografias: D. Francisco de Nossa Senhora da Porta, vigário Presidente, D. Caetano da Conceição, D. Joaquim de Santa Maria, D. José de Nossa Senhora do Pilar, em lugar de Prior, D. António da Purificação, D. António de Nossa Senhora da Purificação, D. Luís da Saudação de Nossa Senhora, D. Fulgêncio da Encarnação, D. Jerónimo da Senhora da Porta, Frei António da Anunciação e Frei Manuel de Nossa Senhora da Conceição<sup>6</sup>.

As breves notas que estamos a apresentar pretendem ajudar-nos a situarmos convenientemente o estado e a riqueza do interior da igreja deste Mosteiro, à data da sua extinção, e também a distribuição dos espaços da antiga claustra, cuja representação gráfica, elaborada na mesma altura do *Inventário*,

<sup>3</sup> Cf. MARQUES, José – *Regalismo e a mulher em religião*, in *A mulher na sociedade portuguesa. Actas do Colóquio*, Coimbra, 20 a 22 de Março de 1985, vol. II, Coimbra, 1986, pp. 167-194.

<sup>4</sup> Cf. MARQUES, José – *Os mosteiros cistercienses nos finais do século XVIII*, in *Actas (do) Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, vol. I, Ourense, pp. 649-675.

<sup>5</sup> Arquivo Distrital do Porto (A. D. P., *Secção monástica. Livros vários*, Nº 13. *Inventário dos bens do Mosteiro de S. Salvador de Paderne*

<sup>6</sup> Arquivo Distrital do Porto (A. D. P.), *Secção monástica. Livros vários*, Nº 13. *Inventário dos bens do Mosteiro de S. Salvador de Paderne*, fls. 1v-2.- Nos casos seguintes, citaremos de forma abreviada: *Inventário*, fl. ...Publ. também no nosso artigo *A extinção do Mosteiro de Paderne, em 1770*, in «A Voz de Melgaço», de 15 de Setembro de 2001.



tivemos a satisfação de encontrar e divulgar. Note-se, entretanto, que o *Inventário* foi organizado de acordo com as diversas rubricas estabelecidas pelo Cardeal da Cunha, interessando para o nosso caso apenas as três primeiras estabelecidas para a organização dos inventários dos mosteiros extintos:

- das jóias de ouro e prata e das alfaias pertencentes à igreja e seus altares;
- dos ornamentos e roupas da igreja e sacristia;
- dos móveis do convento e respectivas quintas, fazendas, etc.,

sendo tudo louvado e avaliado, sob juramento, por pessoas credenciadas<sup>7</sup>.

Foi neste contexto que se procedeu à elaboração o inventário do Mosteiro de Paderne, que bem se poderá considerar como uma espécie de “radiografia” descritiva do que então eram a sua estrutura arquitectónica e o património artístico móvel, registado nos *itens* ou rubricas, há pouco, enunciados. É por isso que, embora de forma sumária, nos propomos chamar a atenção para este Mosteiro, acentuando o que ele era, à data da extinção, a começar pela igreja e passando, depois, para a zona conventual ou claustral propriamente dita, em que, mesmo alguém que tenha acedido ao que hoje é propriedade privada<sup>8</sup>, não conseguiria reconstituir a ordenação da estrutura e a distribuição funcional do espaço conventual.

Para começar, cumpre declarar que se trata de uma realidade muito diferente da típica organização do espaço monástico cisterciense, em princípio, criado de acordo com um plano previamente definido pelos órgãos superiores da Ordem.

Nesta “visita guiada” – que poderemos classificar como “virtual”, pois é feita, essencialmente, a partir da base documental -, ao que era o Mosteiro de Paderne, em 1770, – atendendo a que estamos a participar no *II Congresso de Arte Barroca* limitar-nos-emos ao conjunto constituído pelo interior da igreja e pelos edifícios conventuais, de que nos ficaram descrições pormenorizadas. Deixaremos, por isso, de lado a descrição arquitectónica da igreja, originariamente românica, sofrendo posteriormente influências de outras correntes artísticas, e procederemos da mesma forma em relação ao couto, instituído por D. Afonso Henriques, em 16 de Abril de 1141<sup>9</sup>, quando este mosteiro ainda era feminino, certamente de tradição frutuosiense, convindo, entretanto salientar que a existência de algumas dependências, nos edifícios da claustra de Paderne, como a *casa da audiência* e a *cadeia*<sup>10</sup>, só se justificam por se tratar de um couto.

<sup>7</sup> *Inventário*, fls. 4-5. (A. D. V. C.), *Arquivo de Família Velho de Moscoso*, N.º. 1 (Títulos relativos ao Mosteiro de Paderne), 5. 8. 1. cx. 6-1.

<sup>8</sup> A. D. V. C., *Arquivo de Família Velho de Moscoso*, N.º. 1. (Títulos relativos ao Mosteiro de Paderne), 5.8. 1. cx. 6-1. Antes do breve Bento XIV, encontra-se a escritura de venda deste Mosteiro a Luís Rodrigues Caldas, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, homem de negócio na Corte, onde era morador.

<sup>9</sup> *Documentos Medievais Portuguesas. I. Documentos Régios*, tomo I, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1958, pp. 229-230. (Doc. N.º. 186).

<sup>10</sup> *Inventário*, fls. 68v-69v. Cf. também *grav. n.º. 1*.

## 2. Descrição do Mosteiro

Como ficou sugerido, esta rápida “visita”, que estamos a iniciar, terá duas partes: a primeira, essencialmente destinada a percorrer o interior da igreja, altar por altar, a sacristia, o coro e outras dependências ao serviço do clero diocesano, que aí prestasse serviço, revelando as imagens, as alfaias e os objectos litúrgicos, então, aí existentes, cujo rol apreciaremos, e a segunda, destinada à descrição pormenorizada da área conventual, que poderemos acompanhar, face ao “risco” ou desenho tridimensional, feito na mesma altura do inventário. (*Ver grav n.º 1*).

### 2. 1. A igreja

Os responsáveis pela elaboração do inventário do Mosteiro de Paderne, em relação à igreja, deixaram-nos a seguinte descrição: – «*O Mosteiro de São Salvador de Paderne que consta de hũa igreja que contem sinco altares hum na capela mor, dois de cappelas fundas, e dois a face debaixo de grade, e tem de huma каза de grades para a pixa (pia) do Baptismo e de huma sacristia junto do claustro para os religiosos de hũa digo os religiosos.*

*Item de huma каза de que serve de sacristia para os clerigos de fora paramentada pello Mosteiro para os dois altares»<sup>11</sup>.*

Embora muito sucinta, esta descrição permite um confronto entre o que era o rico interior desta igreja monástica da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, em 1770, e o que dele sobreviveu, após as vicissitudes por que, desde então, passou, com as obras de restauro, levadas a cabo, a partir de meados do século XX. Nos sectores da talha de alguns altares e da imaginária, marcados pela profusão de riquíssimas imagens neles colocadas, muitas das quais desapareceram no decurso do tempo, é que melhor se detectam os efeitos das pressões de vária ordem a que esteve sujeita. Até para melhor se poder fazer e avaliar o confronto entre o que chegou aos nossos dias e a quantidade de imagens aí existentes, em 1770, vale a pena apresentar o rol das principais, então identificadas nos diversos altares e outras dependências desta igreja. Neste sentido, não obstante poder causar algum enfado, nesta primeira parte, optámos por revelar o elenco das imagens e outros acessórios em prata, como coroas, resplendores e diademas, que, uma vez colocados nas imagens a que pertenciam, além de realçarem o conjunto que com elas formavam, reflectem o valor das dádivas votivas, emergentes das devoções, que bem poderiam ser integradas no clima da « *piedade barroca*», de que falam alguns autores, não sendo possível prestar-lhes aqui a devida atenção. Percorreremos, por isso, os altares e outras dependências desta igreja, ficando a conhecer, através das imagens, as principais devoções implantadas entre os monges e na população da paróquia, que lhes estava confiada.

<sup>11</sup> Arquivo Distrital do Porto (A.D.P.), Secção *Monástica* (*Livros vários*), n.º. 13, fl. 68.



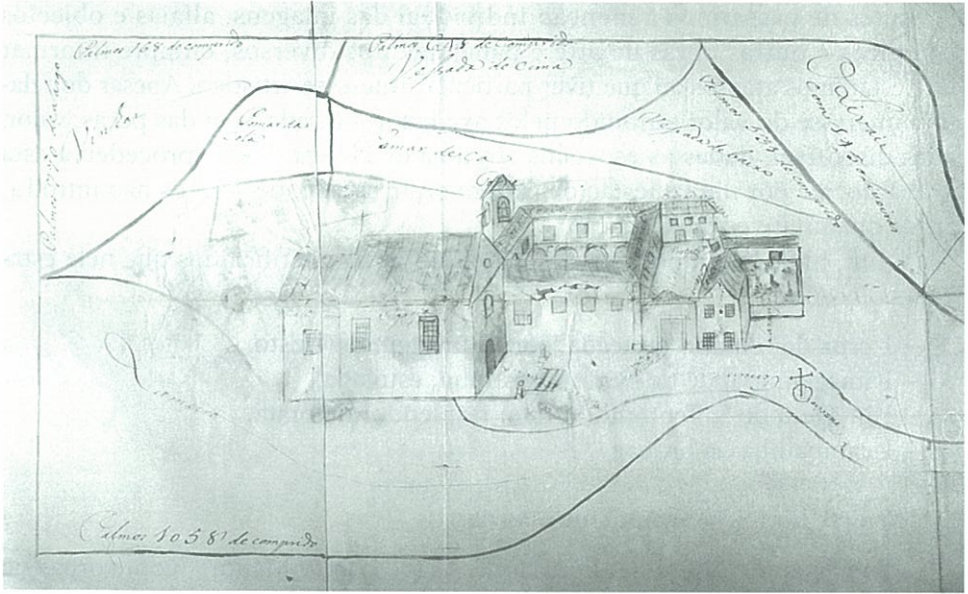


Fig. 1. O Mosteiro de Paderne, em 1770



Fig. 2. Capela-mor e respectivo altar do Mosteiro de Paderne

Antes de passarmos à menção individual das imagens, alfaias e objectos litúrgicos e outras obras de arte e panejamentos diversos, cumpre informar que estaremos atentos ao que tiver particular interesse artístico. Apesar do relativo interesse do valor atribuído pelos avaliadores a cada uma das peças, valor, aliás discutível, dadas as especiais circunstâncias em que se procedeu a esta avaliação, até por uma questão de clareza deste estudo, decidimos não introduzir os quantitativos da avaliação

Assim, iniciando a observação pelo altar-mor <sup>12</sup>, verificamos que nele estavam colocadas:

- 1 cruz de estanho prateada, com a imagem de Cristo,
- 1 imagem grande de Santo Agostinho, estofada,
- 1 imagem de S. Teotónio <sup>13</sup>, com resplendor de prata,
- 1 campainha de bronze <sup>14</sup>.

No altar do SS.<sup>mo</sup> Sacramento, havia:

- 1 imagem de Nossa Senhora do Rosário, com o Menino, com coroas de prata, vestida com tico branco, dourada, manto de seda azul, com ramos de ouro, guarnecido com renda de ouro e prata e com contas de ouro ao pescoço. Havia, ainda, outro manto desta mesma imagem de Nossa Senhora muito usado;
- 1 imagem de S. José, estofada de ouro, com resplendor;
- 1 imagem de S. Camilo de Lélis, com resplendor de prata,
- 1 cruz de estanho, com a imagem de Cristo dourada,
- 6 castiçais de estanho prateados, com feitos à romana,
- 1 lâmina e *Agnus Dei*, pequenos, pesando cada castiçal cinco arráteis,
- 4 tocheiros desta capela, de pau (*preto?*), lavrados.
- 1 campainha de bronze <sup>15</sup>.

No altar do [*Santo*] Cristo, encontravam-se:

- 1 imagem do Senhor Crucificado, com rótulo ou inscrição,
- 1 cruz de estanho com a imagem de Cristo dourada,
- 4 castiçais tudo prateado, com o peso de 20 arráteis,,
- 1 campainha de bronze pequena <sup>16</sup>.

No altar de S. Sebastião estavam:

- 1 imagem de S. Sebastião,
- 1 imagem da Senhora das Dores,

<sup>12</sup> Ver gravura n.º 2.

<sup>13</sup> Ver gravura n.º 3.

<sup>14</sup> *Inventário*, fls. 21. Neste e nos itens seguintes do inventário que estamos a apresentar, por uma questão de maior clareza e facilidade para os eventuais leitores, optámos por mencionar em números árabes as quantidades expressas, no texto, por extenso.

<sup>15</sup> *Inventário*, fls. 21-21v.

<sup>16</sup> *Inventário*, fls. 21v-22.

- 1 Santa Bárbara, estofada,
- 1 cruz de estanho, com o Santo Cristo,
- 4 castiçais, que pesarão vinte e cinco arráteis <sup>17</sup>.

No altar de Santo António, deparava-se com:

- 1 Santo António com o Menino, estofado a ouro,
- 1 Santa Luzia, estofada a ouro
- 1 S. Miguel, estofado a ouro,
- 1 cruz de estanho com o Santo Cristo
- 4 castiçais de estanho prateado: 2 pregados e 4 portáteis, que pesariam vinte e cinco arráteis.
- 1 imagem de S. Roque, estofada,
- 1 imagem de S. Salvador, sobre o arco cruzeiro, estofada de ouro
- 1 imagem de Nossa Senhora da Graça, com o Menino Jesus, sobre o arco da capela do Santo Cristo.

### Coro

Na rubrica do *coro*, situado sobre a porta principal, à semelhança do que revela o inventário das imagens e cruzes que até aqui fomos encontrando nesta igreja, deparamos, agora, com mais um conjunto de imagens e outros objectos necessários para o serviço litúrgico, que passamos a referir:

- 1 Santo Cristo de marfim, numa cruz de pau preto e peanha do mesmo,
- 1 imagem da Senhora do Rosário, com o Menino,
- 1 órgão,
- 1 realejo ou órgão portátil,
- 1 estante grande, que está no meio do coro com seu ferro e candieira pintada,
- outra estante de castanho, com candeeiros, pintada com seu castiçal de ferro pegado (*sic*) na mesma estante,
- 2 castiçais de estanho, que pesarão três arráteis
- 6 castiçais de bronze: dois pregados e quatro portáteis com suas tesouras de ferro
- 1 caldeirinha de latão amarelo, que serve para a água benta,
- um relógio de areia (*ampulheta*),
- dois capacho de esparto, redondos,
- etc. <sup>18</sup>

Nesse mesmo coro alto, além das imagens e outros objectos indispensáveis à actividade litúrgica específica, realizada no Coro, mais concretamente, o canto das horas canónicas, havia também um significativo conjunto de importantes *livros litúrgicos* que, além da sua importância específica e da sua relação

<sup>17</sup> *Inventário*, fls. 22

<sup>18</sup> *Inventário*, fls.22v-23v.



temporal com os diversos períodos ou tempos do ano litúrgico, para que foram preparados, pelas referências a alguns pormenores das encadernações, revestiam-se também de interesse codicológico, como decorre deste breve elenco:

- 10 livros de solfa de canto chão, chapeados de bronze e broches do mesmo, sendo: um *saltério* e outro *comum dos santos*, 2 *próprios dos santos*, 3 *próprios do tempo*, 2 missais – 1 dos santos e outro próprio do tempo – e 1 dos «quirios», havendo também missais particulares;
- outro livro dos Santos de Lisboa, de solfa encadernado
- 2 pastas: uma delas com festas modernas, por solfa, e outra passionaria, da Semana Santa,
- 1 martirologio, encadernado em pasta, romano,
- 2 breviários grandes, com pregos e fechos de bronze,
- 5 breviários encadernados em pasta,
- 2 diurnos, em quarto, já usados de pasta,
- 1 missal velho, encadernado em pasta
- 3 cadernos novos dos Santos Cónegos Regulares, em quarto,
- 25 cadernos de Santos Cónegos e dos Bispos, todos velhos,
- 1 antifonário, de solfa, com folhas de pergaminho, velho, em quarto.
- 1 passionário em manuscrito,
- 1 livro grande chapeado de bronze, com fechos de pergaminho, encadernado em pasta, que contém algumas missas em solfa <sup>19</sup>.

À maneira de breve resumo – pois, de momento, interessa-nos mais deixarmos uma ideia aproximada da riqueza e esplendor desta igreja, à data da extinção do mosteiro, a que pertencia, do que especificar todas as peças do inventário -, podemos afirmar que os cinco altares e o coro desta igreja monástica ostentavam:

- 14 imagens, quase todas referidas como estofadas a ouro, algumas com coroas e resplendores de prata;
- 6 cruces de altar, de estanho, todas com a imagem de Cristo dourada;
- 1 cruz de pau preto, com peanha do mesmo e a imagem de Cristo em marfim;
- 20 castiçais de estanho;
- 4 tocheiros,

valendo a pena insistir no tamanho de algumas imagens, estofadas a ouro, na existência de coroas e resplendores de prata e nas imagens douradas de Cristo crucificado, sem esquecermos um significativo número de livros litúrgicos.

Note-se, entretanto, que os números desta breve síntese, relativa a imagens e outros objectos de arte, não são exaustivos, pois na Sacristia <sup>20</sup>, na

<sup>19</sup> *Inventário*, fl. 23-23v.

<sup>20</sup> *Inventário*, fl. 23v. Aí se encontrava a imagem do Menino Jesus que expunha no Natal, no presépio, retirando-se, a partir da festa da Circuncisão.



Hospedaria <sup>21</sup>, na casa ou Sala do Capítulo <sup>22</sup>, etc., são mencionadas mais algumas imagens e pinturas, merecendo a pena assinalar as referências a vários «*painéis de fumo*». <sup>23</sup>, etc.

Quanto ao coró, que ainda conhecemos, convém observar que desapareceu, tal como aconteceu com o de Santa Maria de Fiães, por ocasião das obras de restauro levadas a cabo, depois de 1950.

## 2.2. Jóias e alfaias

O “regimento” para a elaboração do inventário dedicava o primeiro título à inventariação das jóias e das alfaias existentes no Mosteiro, facto compreensível, pois, normalmente, eram as peças mais valiosas e mais expostas ao risco de desaparecimento.

Em relação a este *item*, em síntese, diremos apenas que foram registadas as seguintes peças:

- 8 cálices, sendo alguns de prata lavrada, enquanto outros só tinham a copa de prata, sendo o pé de metal – bronze ou mesmo só latão -, estando alguns destinados à sacristia dos clérigos da freguesia;
- 7 patenas de prata dourada,
- 1 custódia «*de feitio antigo que he de prata labrada dourada, e não tem pé e costuma servir de pé o calis asima escripto labrado dourado que peza oito marcos a razão se seiz mil e quatrocentos reis sincoenta e hum mil e duzentos reis, de feitio e douramento dois mil e quatrocentos. Emporta tudo sincoenta e tres mil e seiscentos reis*» <sup>24</sup>,
- 2 píxides (uma grande e outra pequena), de prata dourada,
- 1 cruz (*processional*), de prata lavrada, com um Santo Cristo também lavrado ... pesa 26 marcos, isto é, 6.400 reis,
- 2 píxides (1 grande e outra pequena), de prata dourada,
- 1 cruz (*processional*) de prata lavrada, com um Santo Cristo também lavrado ... pesa 26 marcos, isto é, 6.400 reis,
- 6 castiçais de prata, lisos,
- 1 turíbulo de prata redonda, antigo, com candeias também de prata – pesa 3 marcos e meio e duas oitavas 6.400 reis,
- 1 turíbulo de prata – pesa 3 marcos e meio,
- 1 naveta de prata e 1 colher de prata,
- 5 “colhersinhas” (*sic*) de prata para os cálices,

<sup>21</sup> *Inventário*, fl. 24. Conservavam-se aí um painel de Nossa Senhora da Soledade, outro de N.ª. Sr.ª. da Anunciação, outro de Santo António. E mais quatro *painéis de fumo* com caixilhos usados.

<sup>22</sup> *Inventário*, fl. 24. Tal era o caso de uma imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo e de um painel do Salvador.

<sup>23</sup> *Inventário*, fl. 23-24. Ver a referência aos *painéis de fumo*, na fl. 24.

<sup>24</sup> *Inventário*, fl. 9v.

- 1 lâmpada de altar da capela-mor, toda em prata lavrada, que pesa 26 marcos, que valiam 6.466, quantia depois corrigida para 4 600 reis,
- 1 caldeira com hissope de prata lisa, com o peso de 6 marcos,
- 1 vaso de prata liso da comunhão, que pesa 3 marcos e 28 oitavas,
- 1 caixa de hóstias de prata lisa, que pesa 54 oitavas,
- 1 cruz de prata lavrada dourada, em que está a relíquia do Santo Lenho, que se “reserva”, isto é, guarda num sacrário do altar do Santo Cristo, com o peso de 6 marcos e meio,
- 2 chaves de prata: uma do sacrário e outra para a «*cazulla*»<sup>25</sup> em que se encerra o Senhor na 5ª.-Feira Santa,
- 1 âmbula dos Santos Óleos, de prata lavrada, que pesa 5 marcos e 2 onças,
- 1 resplendor da imagem de S. Teotónio, que pesa 30 oitavas,
- 1 imagem de S. Salvador, sobre o arco da capela do Santo Cristo, estofado a ouro, de prata,
- 2 coroas: de Nossa Senhora e do Menino,
- 27 contas de ouro, que tem Nossa Senhora do Rosário,
- 1 resplendor de prata da imagem de S. Sebastião,
- 1 resplendor de prata da imagem de S. Camilo (*de Lélis*),
- 1 diadema de prata da imagem de Nossa Senhora das Dores,
- 1 resplendor de prata da imagem de Santa Bárbara,
- 1 resplendor de prata da imagem de Santo António,
- 1 resplendor de prata da imagem de Santa Luzia,
- 1 capacete de prata da imagem de S. Miguel,
- 1 resplendor de prata da imagem de S. Roque,
- 1 coroa de prata da imagem de S. Salvador,
- 2 coroas de prata das imagens de Nossa Senhora do Rosário e do Menino,
- 2 diademas da imagem de Nossa Senhora da Soledade,
- 1 diadema da imagem de Nossa Senhora da Soledade
- 1 venera (*medalha*) de ouro de Nossa Senhora, do coro<sup>26</sup>.

Temos consciência de que os elencos de obras de arte e de ourivesaria até aqui apresentados e das alfaias, que, a seguir, ainda vamos revelar poderão ser incómodos a alguns leitores, mas atendendo a que, até agora, ninguém os tinha dados a conhecer, não hesitámos insistir na sua enumeração, que, mercê da exiguidade de espaço, terá de ser abreviada. Apesar disso, já permite estabelecer um confronto com o que ainda existe e verificar a que pontos chegou a devastação do riquíssimo património móvel deste Mosteiro .

<sup>25</sup> Por este termo deve entender-se o que, vulgarmente, se designa «*horto*», isto é, espécie de sacrário em que, no fim da missa de Quinta-feira Santa, se encerram as partículas consagradas, com que se dará a comunhão no Sexta-feira Santa,

<sup>26</sup> *Inventário*, fls. 8-12v.





Fig. 3. Imagem de S. Teotónio



Fig. 4. Nossa Senhora (junto à Cruz)  
e S. João Evangelista



Fig. 5. Senhora das Dores

### 2.3. Alfaias e ornamentos conservados na sacristia

Dando mais um passo nesta visita ao Mosteiro de Paderne, iniciada pela igreja, entramos agora na sacristia, onde se guardavam as alfaias litúrgicas e outros ornamentos e panos de armar, que, embora sendo bens perecíveis, constituíam uma parcela valiosa do seu património. Vamos, por isso, tomar contacto com os diversos tipos de alfaias, então conservadas nas duas sacristias, isto é, na que estava, exclusivamente, ao serviço do Mosteiro e na destinada a dar apoio aos clérigos da freguesia. A primeira era, sem dúvida, a mais recheada, como os dados seguintes comprovam, pois aí se encontravam:

- 3 casulas de melania branca, de fio de prata com galão de ouro, com estolas, manípulos, bolsas também agaloadas e 3 véus de nobreza com renda de ouro <sup>27</sup>;
- 2 dalmáticas,
- 1 capa de asperges,
- 1 casula,
- 2 estolas ,
- 3 manípulos,
- 1 bolsa de corporais, «*que são de primavera de ramos de ouro, e de outras cores com asento branco agaloado em galão e renda de ouro, que tudo pasa de meio uso...*»,
- 1 véu de ombros de melania branca, lavrada com fio de prata e galão de ouro, mais um véu de nobreza branca, com renda de ouro, o qual serve de véu de cálice <sup>28</sup>...

Por uma questão de brevidade, não registamos aqui todas as alfaias constantes do inventário que estamos a utilizar, mas não esquecemos que há minuciosas referências a ornamentos de damasco *branco de seda de galão*, a outro roxo, a almofadas de damasco roxo, a panos do púlpito, etc. Prosseguimos, por isso, com o nosso elenco, não só por causa das espécies de alfaias e panos, mas também devido à referência a tecidos estrangeiros utilizados na sua confecção, dispensando-nos de indicarmos os respectivos números de unidades, a não ser naqueles casos que nos parecerem mais expressivos. Contamos, assim, com mais os seguintes *itens*:

- cortinas e sanefas,
- pavilhão do sacrário de damasco,
- cobertas das cruzes de damasco roxo,
- véus de damasco roxo para cobrir os santos
- 1 pano da adoração da cruz, de nobreza branca,
- sanefa vermelha,
- 3 panos de Ruão, roxo, de cobrir os altares,

<sup>27</sup> Inventário, fl. 13,

<sup>28</sup> Inventário, fl. 13.



- dalmáticas diversas, bem como capas de asperges, casulas, etc.,
- pavilhões do sacrário de várias cores,
- almofadas
- frontais diversos, de várias cores, alguns deles armados numa grade,
- 1 umbela, de pano encerado com franja,
- 6 castiçais de estanho,
- 2 almofarizes: 1 de estanho, outro de bronze, com sua mão, que servem para pisar o incenso,
- diversas campainhas, inclusive junto dos altares,
- pratos para as âmbulas do Santos óleos,
- 6 chávenas da Índia com 5 pratos usados no dia dos Fiéis Defuntos e do Natal para os celebrantes purificarem os dedos,
- 3 purificadores de vidro,
- diversas jarras de vidro, amitos, alvas, cíngulos, toalhas dos altares, manustérgios, toalhas de lavatório,
- 7 palas bordadas,
- 4 corporais,
- 7 sanguinhos,
- 20 sanguinhos de linho <sup>29</sup>.

Na sacristia do Mosteiro, além das alfaias, ornamentos e objectos de uso litúrgico mencionados, encontravam-se também duas imagens e duas pinturas, que a seguir se descrevem. Assim, quanto às imagens, anotamos, em primeiro lugar, a de Santo António, com o Menino Jesus, que se expõe no Natal, no Presépio, com um berço e depois da Circuncisão se expõe numa peanha e uma almofadinha de tafetá; depois temos de contar com uma imagem de Nossa Senhora junto à Cruz e outra de S. João Evangelista, sendo estas das poucas de que temos fotografias <sup>30</sup>.

Quanto às pinturas, merece referência a designada «*Santo Sudário*, que serve na quaresma, expressão que aponta para a funcionalidade desta pintura, vulgarmente utilizada como recurso imagético nos sermões do tempo da quaresma e paixão. Por sua vez o «*painel do próprio retrato de Santo António*», traduz bem a ânsia de conhecer a sua «fisionomia», pretensão absolutamente frustrada por mais que se insistisse no propósito da a conseguir.

Para terminar este ponto, vejamos o que se encontrava na sacristia dos clérigos da freguesia:

- 6 casulas
- 2 bolsas de corporais
- 1 caixão em que se guardam estes paramentos da sacristia dos clérigos, etc. <sup>31</sup>.

<sup>29</sup> *Inventário*, fls. 13-21.

<sup>30</sup> Ver gravura n.º. 4.

<sup>31</sup> *Inventário*, fls. 20v-21. Também neste apartado não foi possível ser exaustivo pelo motivo acima referido.

No termo desta “visita” à igreja do antigo Mosteiro de Paderne – antigo, que já então era e porque estava extinto – queremos observar que a demora e insistência na apresentação do seu património móvel, incluindo as cruzes e imagens dos altares, sacristia e coro, as jóias de ourivesaria, alfaias e livros litúrgicos e outros ornamentos, se, por um lado, nos permite termos uma ideia aproximada da riqueza do seu interior, por outro, proporciona a possibilidade de se progredir no aprofundamento do conhecimento das devoções predominantes entre os monges e na comunidade paroquial, que lhes estava confiada. Entre essas devoções, sobressaem a da Santa Cruz, presente em todas as cruzes dos altares, que, sendo comum a todos os fiéis, assume especial sentido num mosteiro de religiosos crúzios, sendo, igualmente, expressiva a presença das imagens de Santo Agostinho, que ocupava lugar de honra no altar-mor, como padroeiro que era, tal como acontecia com a de São Teotónio<sup>32</sup>, primeiro prior eleito de Santa Cruz de Coimbra, convindo apurar também até que ponto a presença de outras imagens corresponde a devoções comuns a outros mosteiros da mesma Congregação. Interpretação idêntica se poderá tomar em relação às imagens e respectivas devoções à Senhora das Dores e da Senhora da Soledade, cujas representações, por vezes, se identificam (*ver gravura n.º 5*), que não é fácil separar da espiritualidade crúzia, por certo imbuída do espírito com que S. Teotónio visitou e meditou na Paixão de Cristo, durante a segunda peregrinação à Terra Santa, de que o seu biógrafo nos deixou preciosos testemunhos<sup>33</sup>. Nesta mesma linha de espiritualidade se integra a pintura do *Santo Sudário*, utilizada na Quaresma<sup>34</sup> e o pano de nobreza branco, quando se procedia à adoração da cruz, nas cerimónias de Sexta-feira Santa.

Quanto a S. Roque, é sabido que estava ligado às peregrinações aos grandes centros da Cristandade: em especial, a Roma e S. Tiago de Compostela, situando-se a imagem de Nossa Senhora do Rosário no contexto do seu culto e devoção, que se intensificaram a partir do século XVI, encontrando-se o seu grande centro difusor e intensificador, na zona norte, no Convento de S. Domingos de Viana do Castelo, fundado por D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que aí passou os últimos anos da sua vida.

Estas breves notas pretendem chamar a atenção para um nível superior aos da inventariação e da identificação das imagens e outros ornamentos, nos planos meramente históricos e artísticos, qual é o da espiritualidade, que projecta nova luz sobre parte deste inventário.

### 3. A claustro

Na exposição feita no *II Congresso Internacional do Barroco* tentámos descrever o que era a parte claustral deste Mosteiro, servindo-nos da descrição

<sup>32</sup> Ver *gravura n.º 3*.

<sup>33</sup> *Vida de S. Teotónio*. Prefácio, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Coimbra, Igreja de Santa Cruz, 1987, p. 10.

<sup>34</sup> *Inventário*, fl. 23v. Esta pintura encontrava-se na sacristia.



feita pelos membros da comissão incumbida de proceder à decretada extinção, contrapondo as dependências identificadas com a distribuição patente na planta tipo dos mosteiros cistercienses. Entretanto, tivemos a satisfação de encontrar o “risco” ou desenho então elaborado, que, apesar de já o termos divulgado noutros lugares, consideramos necessário introduzir também aqui, não só para ilustrar o texto, mas também e sobretudo para se poder acompanhar a descrição da claustura, incluída no inventário, que a seguir se reproduz, sob pena de a nossa “visita” ficar circunscrita à igreja do Mosteiro, o que constituiria um grave desvio ao que é proposto no título.

### 3.1. Descrição da claustura

As constrações de espaço obrigam-nos a uma contenção expositiva, que nos obriga a passarmos de imediato à leitura da mencionada descrição:

*«Consta mais de outro patio a que dá entrada huma porta de portaria unica para a gente de fora e para carros com seu alpendre da parte de fora ao lado direito da entrada tem hũa piquena caza de carpintaria e do lado seguinte para sul huma adega com seu lagar de vinho com celeiro por sima e junto tem outra caza que serve de cabalarise, e por sima outra caza dos mossos Fidalgos da parte do Nascente há hum forno, e duas cazas altas para fruta e por baixo caza de boiz caballarise.*

*Da parte do Norte tem hum arco com seu tranzito para o claustro e na pasage tem ao lado direito huma caza da Hospedaria, e defronte outra de vezitas com quatro camarotes para com as de hum claustro com quatro lanses que da parte do Poente tem huma caza de vezitas, huma de capitullo e huma escada que sobe para os dormitórios, e da parte do Norte huma porta para a sacristia em hum canto, e outra para a caza de profundis.*

*Da parte do Nascente tem huma caza para despejos de madeira, e para o Sul tem huma caza de procuração, com outra emediata para despejos.*

*Consta mais da parte inferior do claustro de huma caza “de profundis” com hum refetorio de huma parte e da outra parte tem huma caza que serve de cozinha e outra para mossos, e da outra parte tem duas cazas que servem de despeça; a dita cozinha tem porta por hum patio honde se acha huma escada que sobe para os sinos da torre, e para os dormitorios. Tem mais no dito patio huma porta para hũa serca de coelhos. Tem mais na parte<sup>35</sup> superior quatro dormitorios que da parte do Poente tem hum coro e seu tranzito que serve de ante coro e tres cellas, e da parte do Sul tem seüz cellas com hũa caza d’alfayataria. Da parte do Nascente tem tres cellas, e huma mayor que serve de Cartorio. Da parte do Norte tem a libreria e duas sellas que servem de despejos com hũa antecamera que para a torre, e serve de des[c]er para o patio da cozinha. Ha mais outro patio fechado ao Sul da parte do selleiro com seu pumar de laranjeiras e limoeiros e mais dois moinhos, hum pombal sem cobertura com hũas cazas velhas que ficão a hum canto que se meterão na serca por ser pasal os quais moinhos hum serve de moher trigo, e outro de moher milho com hum rego de agoa que passa por dentro da serca ...»<sup>36</sup>.*

<sup>35</sup> No texto, por lapso evidente: *porta*.

<sup>36</sup> Inventário, fls. 68v-69v.

Apesar desta minuciosa descrição, consideramos oportuno observar que este edifício constava de rés-do-chão e de um piso superior, estando no rés-do-chão, além da portaria, com um alpendre para fora, à direita, a carpintaria e, a seguir, a adega e o lagar, encontrando-se, por cima, o celeiro. Ali perto estava a cabalaria e por cima dela a casa dos moços fidalgos. Ainda no rés-do-chão, do lado nascente, havia o forno e duas casas altas para fruta, sendo por baixo cavalaria; do lado norte estava um arco que dava passagem para o claustro, encontrando-se, à direita, isto é, do lado nascente, a casa da hospedaria, e do poente, a parte destinada às visitas, com quatro “camaretas” ou quartos, o capítulo, uma escada e uma casa “*de profundis*”; do nascente uma casa ou simples dependência para arrumos, e do sul, havia uma *casa de procuração* e junto dela outra para despejos. A cozinha e o refeitório, a despensa e outra casa “*de profundis*” encontravam-se também no claustro.

Na parte superior, estava a parte residencial propriamente dita, assim distribuída, contando do lado poente: 4 dormitórios (*quartos*), 1 antecoro e 3 celas; do lado sul, havia 6 celas e 1 casa de alfaiataria; do nascente estavam 3 celas e uma maior, reservada ao *cartório* ou arquivo; do lado norte, encontrava-se a *livraria* ou biblioteca, duas celas destinadas a despejos ou arrumos e uma antecâmara, que dava acesso à torre e a uma escada para o rés-do-chão.

A sul deste claustro e ao lado do celeiro, havia um pátio fechado, com laranjeiras e limoeiros, dois moinhos – um para moer trigo e outro milho – e ainda um pombal em ruínas, pois já não tinha cobertura, acrescentando a informação que passava aí um rego de água.

### 3.2. Bens móveis dispersos na claustra

Após termos proporcionado um conhecimento objectivo da parte conventual do Mosteiro de Paderne, impõe-se oferecer também informações sobre as obras de arte e outros bens móveis, dispersos por várias das suas dependências. Neste conjunto, a casa ou sala do Capítulo era, sem dúvida, a mais importante, dadas a sua natureza e funções, sabendo-se também que o recheio aí inventariado era composto por: 1 imagem de N. S. Jesus Cristo, 1 painel do Salvador, com caixilho e molduras, 2 arquivancos de castanho pintados, 1 tamborete de pau, sem encosto, e 1 «*banquinha*» *rasa de castanho*».

Por sua vez, na *hospedaria*, havia um significativo recheio, indispensável para obviar às necessidades do seu funcionamento quotidiano, entre cujo elenco se incluíam algumas obras de arte, nomeadamente, os seguintes painéis: 1 de Nossa. Senhora da Soledade, com caixilhos e molduras; 1 de Nossa Sra. da Assunção, com moldura; 1 de Santo António, com molduras; 4 *painéis de fumo*, com caixilhos; 14 tamboretas de couro lavrado, com pregaria amarela; «*huum panno da porta (repostoiro) bordado com armas reais, campo verde*»; «*seis garfos e seis colheres de prata e mais hũa faquinha piquena com cabo de prata, hum garfo piqueno também de prata que pesarão dois marcos e meyo e dezaseis outavas a rezão de seis mil e quatrocentos reis cada marco sem feitio pelo não mere-*



cer», avaliados em 17\$600 reis; «*huma salva de prata que pesa tres marcos e meio e duas onças a rezão de seis mil e quatrocentos reis cada marco e de feitio dois mil e quatrocentos reis*», no valor de 26\$400 reis<sup>37</sup>, e muita utensilagem de uso comum, que, por falta de espaço, nos vemos obrigado a omitir.

Pelo mesmo motivo, teremos de retirar deste extenso inventário as referências a objectos de arte, de qualquer natureza que ela seja, sem com isso nos dispensarmos de noutra ocasião procedermos à divulgação deste inventário na íntegra, até para se ter uma aproximação ao estilo de vida no interior desta comunidade crúzia.

Entretanto, podemos adiantar que, na **despensa**, além de numerosos utensílios e objectos de uso corrente, encontravam-se alguns que, podendo ser considerados «trastes velhos», pelo que ainda conservavam de arte, estavam preservados. Tais eram os casos de «*huma porta do sacrario com escultura*», «*hum painel com caixilho de preto pintado que esta proximo a janella que cahe para a orta*»..., «*huma caixa com o prezepio*», «*duas portadas fengidas pintadas com sete castiçais prateados cada huma de pau*»<sup>38</sup>.

Noutras dependência da claustro, entre os bens móveis aí conservados, havia também algumas obras de arte. Era o que acontecia no chamado *dormitório do coro*, onde se encontrava 1 painel de Jesus Maria José, com caixilho pintado<sup>39</sup>, duas tarjas de papelão com as imagens dos Santos Mártires de Marrocos<sup>40</sup> e «*huma imagem de Nossa Senhora da Soledade que esta dentro do dito almario com saya de seda roxa, manto de seda azul com renda de ouro, com toalha de renda digo toalha de olanda fina*», avaliada em 45\$000<sup>41</sup>. Por sua vez, nos aposentos do Padre Prior, além de um relógio de parede, havia um painel de S. Miguel, com molduras, e ainda outro painel, junto da janela que dava para o pátio.

Na *torre*, além de um relógio, que marcava os quartos de hora – «*com huma maquina de quartos*» – havia mais quatro sinos, estando distribuídos pela parte conventual mais cinco pequenos sinos ou sinetas<sup>42</sup>, e na *casa do despejo* do claustro, encontravam-se dois painéis encaixilhados, de *pintura de fumo*, e uma cruz grande, pintada de preto; finalmente, na *casa da procuração*, estava um *painel de fumo*, com duas talas<sup>43</sup>.

<sup>37</sup> Inventário, fl.25.

<sup>38</sup> Inventário, fl. 52.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

<sup>41</sup> Inventário, fl.52v.

<sup>42</sup> Inventário, fl. 54.

<sup>43</sup> Inventário, fl. 54v.

#### 4. Conclusão

Com esta breve exposição, pretendemos, apenas, chamar a atenção para algumas obras de arte – nomeadamente, imagens (muitas delas estofadas a ouro), cruzes e candelabros – outrora existentes no Mosteiro de Paderne, quer na igreja, quer distribuídas por outros espaços monásticos, ocupando um lugar de relevo neste inventário, o elenco das jóias, em prata, como coroas, resplendores, diademas, cálices, píxides, patenas, turíbulos, etc., que apresentamos com algum pormenor, mas não exaustivamente, bem como o vasto conjunto das alfaias litúrgicas e outros ornamentos, que foi necessário abreviar.

É certo que a maior parte das imagens e da joalheria a elas individualmente ligada se encontravam nos altares da igreja, mas também havia algumas no coro alto, na sacristia, na livraria e noutras dependências, como na cela do Prior, na sala do capítulo, hospedaria, despensa, etc.

Percorrendo o interior da parte conventual, a partir do *Inventário* que nos guiou, podemos ter uma ideia da forma com estavam mobilados os diversos espaços comuns e algumas celas, parecendo-nos que o *cartório* ocupava um lugar de relevo, nesta perspectiva, a avaliar pelo modo como estava organizado. Quanto à biblioteca, é certo que, dada a forma caótica como foi inventariado o seu recheio, não podemos ter a mesma impressão, embora se possa afirmar que, não sendo muito numerosa, era bastante boa e suficientemente expressiva, para o seu tempo, neste recanto norte de Portugal.

Face à sumária descrição que deixámos ao alcance do leitor, bem se pode afirmar que ela constitui um prenúncio do que representará a leitura integral do inventário e, mesmo descontando o que ainda existe na igreja, podemos imaginar a riqueza patrimonial que se perdeu, em pouco mais de 230 anos.